

UMA CARACTERÍSTICA DA AGRICULTURA EM SÃO PAULO¹

Ruy Miller Paiva

A guerra que acabamos de atravessar pôs em foco uma característica da agricultura de São Paulo - a inelasticidade de oferta de seus produtos - característica essa que ainda não fora devidamente considerada por seus estudiosos.

Com este artigo, pretendemos examinar as evidências dessa característica, mostrar os seus inconvenientes e propor os modos de eliminá-la. O nosso objetivo é, assim, amplo e complexo, difícil de ser apresentado na forma e no espaço limitado de um artigo de jornal, o que explicará algumas de suas falhas.

Julgava-se, ao iniciar a guerra e durante os primeiros anos de luta, que São Paulo poderia facilmente aumentar a sua produção agrícola e contribuir para a batalha de alimentos das Nações Unidas, com grande volume de arroz, feijão, óleos vegetais, café, carne, etc. Produtos indispensáveis à alimentação dos exércitos em armas e imprescindíveis ao abastecimento dos países da Europa que deveriam ser reocupados pelos aliados. Julgava-se, também, que a agricultura de São Paulo poderia, além de cooperar nesse esforço de guerra, usufruir grossos proveitos, pois, os preços que estavam sendo pagos por esses produtos nos Estados Unidos davam margem a cálculos promissores. Os jornais e as revistas especializadas publicaram na ocasião extensos artigos, comentando as possibilidades nesse sentido, e nós mesmos publicamos alguns mostrando que São Paulo estava tardando a aproveitar-se delas.

Contrariando a todos os prognósticos e apesar da guerra prolongar-se por cinco anos, a agricultura de São Paulo não contribuiu para a batalha de alimentos das Nações Unidas, nem para o abastecimento dos países ocupados. As estatísticas oficiais mostram que as exportações de produtos agrícolas pelo porto de Santos, durante o período da guerra, não foram aumentadas. As de arroz e as de feijão somente apresentaram aumento em 1944, quando alcançaram, aproximada-

mente, 12.000 e 20.000 toneladas, respectivamente, quantidades que pouco significam em relação à produção desses alimentos no Estado. As exportações de carne congelada e em conserva também aumentaram, passando de um total aproximado de 39.000 toneladas em 1938 para 70.000 em 1942, caindo ambas, porém, nos anos subsequentes. Os produtos derivados do leite: caseína, manteiga e leite condensado, foram exportados unicamente em 1942 sem atingir valores de maior significação. O milho não foi exportado em 1943 e 1944. Dentre as exportações dos óleos vegetais, a do óleo de algodão chegou a mais de 33.000 toneladas em 1941, não mantendo porém o mesmo nível nos anos seguintes, e a do óleo de mamona chegou a 12.600 toneladas em 1943 para cair em 1944 a 7.900 toneladas. As exportações de mamona em semente foi a que mostrou maior aumento, passando de 14.500 toneladas em 1938 a 41.700 em 1941 e 37.000 em 1942, mas também não manteve o mesmo volume nos anos seguintes.

Apesar da contribuição de nossa agricultura ser pequena, como mostram os dados acima, ela somente pode ser realizada a custa de grande sacrifício de parte da população paulista, que se viu privada de alguns desses produtos, sofrendo os inconvenientes do racionamento e os dissabores do câmbio negro. E isso por não ter havido um aumento de produção que pudesse satisfazer o aumento de consumo da população, grandemente elevado pelos primeiros anos de volumosa inflação, e compensar a falta de importação, que para alguns produtos alcançava cifras anuais elevadas. As estatísticas mostram que a produção de arroz foi aumentada, passando de uma média aproximada de 500.000 toneladas em 1938, 1939 e 1940, para 760.000 em 1942, 1943 e 1944. Mas as de feijão e milho não foram aumentadas. A de feijão girou em ambos os períodos, com variações mínimas, em torno de 170.000 toneladas, e a de milho caiu, nos mesmos períodos, de praticamente 1.400.000 para 1.150.000 toneladas. Outros produtos, como derivados de leite, óleos vegetais e carne, tiveram suas produções aumentadas, mas

¹ Artigo transcrito de microfilme do Jornal o Estado de S. Paulo, de 12/03/1946.

esses aumentos não foram suficientes para cobrir o consumo interno e, no caso dos dois primeiros, para compensar a falta de importação de produtos similares.

A crença de que a agricultura de São Paulo pudesse incrementar a sua produção e aumentar a sua exportação durante o período de guerra pode parecer, nos dias de hoje, resultado de um juízo apressado ou de um simples arroubo patriótico. Entretanto, baseava-se no que a agricultura de São Paulo tinha feito alguns anos antes, aumentando enormemente a produção de certos artigos e desenvolvendo rapidamente toda a organização e aparelhagem necessárias à produção e ao comércio desses artigos. Não tinha a agricultura de São Paulo aumentado a exportação de algodão, passando de, aproximadamente, 620 toneladas em 1933 para mais de 130.000 em 1936 e mais de 258.000 em 1939? E a de laranja não passara de, aproximadamente, 200.000 caixas em 1930 para mais de 1.000.000 em 1933 e 2.300.000 em 1939? O mesmo não fizera com a produção de farinha de raspa de mandioca, quando decretada pelo Governo a obrigatoriedade de sua mistura com o trigo? E é preciso salientar que este aumento não significava somente maior área de terra arada e plantada. Por serem culturas pouco exploradas entre nós, o seu aumento significava muito mais: era a difusão de conhecimentos técnicos, construção de máquinas de benefício, armazéns e organizações de companhias para a comercialização de seus produtos; era a adaptação rápida de grande parte da população e transferências de grandes somas de capitais; era a penetração para o interior, com os seus riscos e privações; era, enfim, toda uma série de realizações e conquistas. Se a agricultura de São Paulo fôra capaz dessas transformações não deveria também ser julgada capaz de, em um esforço de guerra e apoiada por bons preços, realizar um novo aumento de produção? Ou, pelos menos, uma mudança nas culturas exploradas de modo a aumentar a produção dos artigos mais desejados pelas Nações Unidas?

Essa crença nas possibilidades da agricultura de São Paulo não era apenas de nós paulistas. Os próprios americanos também tiveram, no início da guerra, esperança de que pudessem ser auxiliados por São Paulo na tarefa de alimentar os combatentes. Enviaram-nos algumas missões oficiais e outras semi-oficiais com o fim de realizar acordos comerciais, garantindo preços remuneradores e prioridade nos transportes. Chegaram a firmar acordos sobre alguns

produtos, na expectativa de que São Paulo repetisse a célebre arrancada do algodão.

Indaguemos, então, quais as causas da agricultura de São Paulo aumentar a sua produção agrícola antes da guerra e de não o fazer durante esta, quando havia bons preços, como veremos adiante e, também, razões patrióticas para fazê-lo. E vejamos, confrontando as causas em ambos os períodos, se o fato de não ter havido aumento serve como evidência da inelasticidade de oferta, a que nos referimos no início do artigo.

Investiguemos, em primeiro lugar, os fatos que condicionaram o aumento de produção na década anterior à guerra. Para maior clareza, convém voltarmos um pouco mais para o passado e analisarmos rapidamente a situação agrícola de São Paulo durante o período áureo do café. Por essa ocasião, os preços alcançados por esse produto permitiam aos seus lavradores e negociantes um lucro tal que outros produtos dificilmente os poderiam interessar. E se a cotação de qualquer outro produto subia a níveis melhores, - como se dera com o algodão em 1932, quando alcançou na capital a média de 95 cruzeiros por arroba e mesmo em 1929 com a média de mais de 60 cruzeiros, - a sua cultura era tentada nas zonas que não se prestavam ao café, mas as dificuldades a serem vencidas eram, então, enormes. Os lavradores não dispunham de conhecimentos técnicos e de crédito agrícola que lhes permitissem uma produção eficiente e faltava-lhes, principalmente, o apoio de um comércio organizado, que se contentasse com uma margem razoável de lucro e que os apoiasse nos anos de menores preços. Atraídos pela facilidade de lucro que o café proporcionava e acostumados com a margem de lucro que este produto suportava; os comerciantes não viam interesse em empatar o seu tempo e capital em outro produto que não o café, ou pelo menos em outros que não oferecessem as mesmas garantias e vantagens. Impediam desse modo que outros produtos se firmassem em São Paulo e que as zonas não produtoras de café se reerguessem de seu atraso e pobreza. Era, então, aspecto familiar aos que viajavam pelo interior de São Paulo a viva diferença entre as zonas novas produtoras de café e as zonas, chamadas velhas, onde o café já tinha alicerçado uma civilização. Enquanto naquelas o processo de produção se fazia de um modo, digamos, crescente, com novos investimentos na forma de estradas, desbravamento de terras virgens, instalações de novas culturas, construções de

benfeitorias, erguimento de cidades, etc., investimentos estes que seriam sobejamente recompensados pelas futuras colheitas - nas zonas velhas, o processo de produção dava-se de um modo, podemos dizer, decrescente, à custa de capital empatado em outros tempos, sem novos investimentos, apenas usando as estradas, benfeitorias, máquinas, armazéns, etc., já construídos e feitos para a produção de café. As propriedades agrícolas mantinham-se, nas zonas velhas, com suas culturas rotineiras de milho, pouco de feijão e arroz, suas pequenas criações de porcos e as terras em sua quase totalidade "largadas" em pastos. Apesar da imigração constante para as zonas novas, onde os salários eram maiores, essas regiões ainda se caracterizavam pela abundância de braços trabalhadores e muitos fazendeiros e filhos de antigos fazendeiros com bastante inclinação e alguma prática de lavoura, que poderiam organizar e administrar grandes plantações caso encontrassem preços compensadores, alguma garantia de mercado e facilidade financeira que os custeassem devidamente. Essas zonas também se caracterizavam pela boa qualidade de suas terras que, embora não pudessem mais produzir café, prestavam-se admiravelmente para outras culturas. De modo que essas zonas velhas se achavam em condições de dar grande expansão a certas culturas se apresentassem condições de preço e de mercados favoráveis.

Foi o que se deu posterior a 1930, quando os preços de certos produtos agrícolas subiram a níveis remuneradores. Todas as zonas chamadas velhas, como se rejuvenesceram, transformaram-se em zonas prósperas. Voltou a elas o progresso, com o aumento das áreas cultivadas e melhoria das condições de produção. Puderam empregar máquinas, usar adubos, construir benfeitorias, etc. Alguns de seus municípios chegaram a ser os maiores produtores desses novos artigos. Campinas passou a ser o maior produtor de algodão, Limeira e Sorocaba os de laranja, Piracicaba o de cana-de-açúcar e mesmo o velho Vale do Paraíba tornou-se um dos maiores produtores de mandioca.

Não pretendemos que a melhoria de preço tenha sido o único fator responsável pelo aumento desses produtos. Esta melhoria não foi, aliás, grande. O algodão que apresentou o aumento de área mais espetacular entre os novos produtos, teve no período de 1934 a 1936 uma cotação média de 60 cruzeiros, que confrontado com a média das cotações de 1929, 1930 e 1931 representa um aumento de pouco menos de 40%

e que em relação à média de 1928 não mostra aumento. Outros fatores também contribuíram seriamente para esse aumento de produção. A queda de preço do café em 1929, com a quase completa restrição de crédito a seus lavradores, que se viram da noite para o dia abarrotados de dívidas e sem meios de pagar seus colonos, fez com que a maioria deles se dedicasse a essas novas culturas, mesmo a contra gosto por terem quase todos o espírito inteiramente voltado para o lendário café. Fazia-o na obrigação de obter os meios de saldar seus compromissos mais urgentes e o essencial para suas despesas pessoais. A contribuição dos lavradores de café à produção dessas novas culturas foi de grande importância por atrair os negociantes nacionais e estrangeiros, que passavam a acreditar em um volume maior e mais constante do produto no mercado e, por conseguinte, sentiam-se com garantias para se organizarem e se aparelharem para a comercialização do produto. O interesse dos comerciantes agia em seguida como uma nova força a estimular os agricultores a novos aumentos de produção, financiando-os e garantindo-lhes a compra do produto.

É importante notar que o aumento desses novos produtos, conquanto espetacular, não se dera à custa de restrições nas áreas dos produtos anteriormente cultivados em São Paulo, a menos por uma diminuição imediata e visível, pois, evidentemente, a prática de plantar milho, arroz, mamona e mesmo algodão, de permeio com café, que se generalizou nesse período, deve ter resultado, nos anos seguintes, em produções menores para esta lavoura. Também houve diminuição no número de cafeeiros, por corte ou abandono, mas isso provavelmente se teria dado mesmo na ausência de outras culturas que pudessem substituí-los, por serem geralmente árvores velhas, de trato anti-econômico. O aumento verificou-se, principalmente, pelos seguintes motivos: melhor aproveitamento das terras e dos braços das zonas velhas; maior aproveitamento do trabalho dos colonos de café e das terras ocupadas com essa cultura, plantando cereais e algodão entre suas linhas e atrasando suas colheitas de modo que pudessem ser executadas pelos mesmos trabalhadores; imigração de trabalhadores de outros Estados; transformação de pastos e matas virgens em terras de culturas, etc. Houve também, nessa ocasião, mudança, nas práticas agrícolas, com o uso de máquinas, adubos, etc., e que indubitavelmente, contribuiu para um aumento de produção por unidade de área. Faltam, todavia, elementos que nos permitam

avaliar a importância dessa contribuição. Não acreditamos que essas mudanças fossem a ponto de imprimir nova feição ao todo da agricultura de São Paulo, transformando-a em seus característicos de agricultura extensiva. O argumento mais forte para dizermos que ela não foi suficiente para dar nova feição a agricultura de São Paulo é que não houve, como vimos, aumento de produção durante a guerra. Se a intensificação nesse período fosse sensível, ela teria certamente se mantido durante a guerra, fazendo com que ainda houvesse algum aumento de produção.

Mas não adiantemos as nossas conclusões e examinemos, agora, quais as causas de São Paulo não aumentar a sua produção agrícola durante a guerra. Em primeiro lugar, examinemos os preços dos produtos agrícolas durante esse período.

São inúmeras as dificuldades para se estudarem os preços dos produtos agrícolas em São Paulo. Encontram-se cotações oficiais de café fornecidas pela Bolsa de Café de Santos, a qual se acha fechada há alguns anos. Para alguns outros produtos encontram-se cotações oficiais da Bolsa de Mercadorias de São Paulo. Essas cotações referem-se somente aos preços de atacado, nos mercados de Santos e da Capital, não havendo estatísticas oficiais dos preços recebidos pelos produtores no interior.

No caso de alguns produtos e, exclusivamente para fins comparativos, poder-se-iam substituir, sem grande erro, os preços recebidos pelos produtores por essas cotações oficiais, desde que as diferenças entre ambos se mantêm constantes, cobrindo somente as despesas de comercializações e o lucro dos intermediários. Isso, porém, não se pode fazer com o café. As diferenças entre as cotações de Santos e os preços recebidos pelos produtores, no interior, dependem não só das despesas e lucros dos intermediários, como também da política de preços seguida na ocasião, isto é, das diferenças nas quotas de sacrifício, bonificações, etc. De modo que as variações de preços no mercado de Santos nem sempre são idênticas às dos preços recebidos pelos produtores no interior. E não se pode substituir uma pela outra sem incorrer em graves erros.

Apesar dessas falhas, podemos afirmar sem receio, por ser do conhecimento geral, que os preços dos produtos agrícolas aumentaram sensivelmente em São Paulo durante os anos de guerra, chegando a níveis nunca alcançados anteriormente e que, contrariamente ao que se dera no período anterior à guerra, subiram os

preços de todos os produtos e não apenas o de alguns deles. Esta segunda afirmativa - que os preços subiram praticamente e por igual - impossibilitou a transferência de terras, braços e capital de uma cultura para as outras e, conseqüentemente, impediu que se desse um aumento na produção dos artigos procurados pelos Aliados à custa de um detrimento na produção dos outros. É evidente que sendo os aumentos dos preços de algodão e de café, que já eram as culturas mais lucrativas e interessantes para os lavradores praticamente iguais aos dos alimentos e óleos vegetais, os agricultores não iriam trocar aquelas culturas por estas.

Entretanto, os preços de todos os produtos subindo a níveis tão favoráveis era de se esperar um aumento total da produção agrícola do Estado. Se preços menos elevados já a tinham incentivado a tão grande aumento de produção, na década anterior, porque não fazê-lo agora, que os preços se mostravam altamente favoráveis? Certamente, é o que teria se dado se as condições econômicas de São Paulo, no que diz respeito a facilidade de braços, qualidade das terras e disponibilidade de capital, fossem idênticas as de antes da guerra. Nesse caso, a agricultura de São Paulo teria, certamente, respondido a esse aumento de preços, a exemplo do que fizera antes da guerra, com um grande aumento de produção. Mas as condições, neste período, estavam longe de ser idênticas. Não havia mais trabalhadores praticamente inativos nas chamadas zonas velhas; os salários estavam altos, forçados pelo regime de pleno emprego que a organização de novas indústrias e o desenvolvimento do comércio acabaram por estabelecer; as terras apresentavam-se mais gastas e cansadas, com os anos sucessivos de culturas exgotantes, erosões e mau tratos; as terras virgens e férteis achavam-se à grande distância das estradas de ferro e o seu aproveitamento mais difícil pela crise aguda de combustível; o comércio agrícola incapacitado de se ampliar por falta de pessoal habilitado não podendo estimular novas e maiores produções; e também se sentia a falta de crédito que encontrava em atividades não agrícolas melhores garantias e maiores juros. Devido a essas condições, os agricultores não podiam aumentar suas culturas e incrementar suas criações usando dos mesmos métodos extensivos de antes da guerra, que consistia, simplesmente, em contratar mais empregados e estender as áreas das culturas e dos pastos. Qualquer tentativa para aumentar as produções por esse método só poderia trazer grande aumento de

salário e, conseqüentemente, enorme encarecimento do custo de produção. Mesmo com ótimos preços para os produtores agrícolas, o aumento de produção por esse processo torna-se-fa, em pouco tempo, desinteressante, pela elevação de custo que viria logo absorver qualquer lucro calculado. Essa incapacidade de aumentar a produção em resposta a melhoria de preços é que é a inelasticidade de oferta a que nos referimos no início desse artigo.

Antes porém de aceitar essa conclusão - que a oferta da produção agrícola de São Paulo é inelástica - convém examinarmos se as condições climáticas, que foram péssimas durante quase todo o período de guerra, com anos consecutivos de secas prolongadas, não foram as únicas responsáveis pelo fato de São Paulo não ter aumentado a sua produção agrícola durante esse período. O exame dessa questão poderia ser feito pelas estatísticas das áreas cultivadas. Não

teria havido, no período em questão, um aumento da área plantada? Em caso de uma resposta afirmativa, a conclusão sobre a inelasticidade não poderia ser aceita, pois, nesse caso, a impossibilidade de aumento seria mais um reflexo das condições de clima do que um atributo próprio da agricultura. Infelizmente os dados que dispomos sobre a área cultivada abrangem somente os anos agrícolas 1942/43, 1943/44 e 1944/45 e não podemos compará-los com as áreas dos anos anteriores à guerra. Entretanto o simples confronto das variações das áreas plantadas, durante esse período, com as variações dos seus preços anuais médios já torna desnecessária essa comparação. Pois, conforme mostram os números abaixo, os preços dos produtos agrícolas aumentaram em proporção muitíssimo maior que as suas áreas, o que é sem dúvida prova evidente que a oferta dos produtos agrícolas é inelástica.

Ano	MILHO	
	Preço médio* (cruzeiros)	Área plant.** (hectares)
1942	21,2	765.206
1943	32,6	738.927
1944	48,4	741.319
	FEIJÃO	
1942	30,6	230.400
1943	49,9	183.603
1944	76,0	216.725
	ARROZ	
1942	89,4	400.347
1943	93,4	507.031
1944	144,6	512.488
	ALGODÃO	
1942	57,8	1.327.569
1943	74,4	1.767.829
1944	82,9	1.761.278
	BATATINHA	
1942	46,8	32.077
1943	82,7	23.556
1944	95,3	35.913

*Dados oficiais da Bolsas de Mercadorias de S. Paulo.

**Dados não publicados, por obséquio do Dr. M. Zaroni, Seção das Regiões Agrícolas da Secretaria da Agricultura.

Quanto as áreas plantadas em 1945/46, com esses produtos, estamos informados de que foram sensivelmente maiores que as dos anos anteriores. Esse aumento, porém, não virá invalidar a nossa conclusão, pois ele se dará em substituição às áreas anteriormente cultivadas com algodão, cuja diminuição de plantio, em relação ao ano passado, nos parece ser de 30%. Considerando a extensão da área que é plantada em algodão, uma diminuição de 30% nessa cultura fornecerá terra e braço para um aumento sensível, em porcentagem, nas áreas cultivadas com arroz, feijão e milho.

A inelasticidade da oferta de nossa agricultura precisa ser considerada ao se tratar da política agrícola do Estado. Conhecendo esse característico da agricultura de São Paulo e sabendo que o Estado se acha num regime de pleno emprego, podia-se, por exemplo, afirmar de antemão que o aumento dos preços propostos para os cereais e a garantia de seus mercados não trariam um aumento da produção. Não fosse a diminuição da área plantada em algodão, o que, aliás, se deve mais a outros fatores que à garantia dos preços dos cereais, e o recente plano de Emergência teria sido um insucesso. De acordo com esses característicos são somente dois meios de se conseguir um aumento de produção: favorecendo preço proporcionalmente mais elevados aos cereais que ao algodão ou eliminando os característicos de inelasticidade de oferta de nossa agricultura.

Antes de terminarmos este artigo, vejamos, rapidamente, como se pode eliminar esse característico. A sua eliminação se pode dar somente intensificando a agricultura com o emprego de mais capital por unidade de área. Uma aparente eliminação dessa característica, dá-se em épocas de desemprego, quando os salários são

baixos e a procura de novos trabalhadores para aumentar a área cultivada não eleva os salários. Nessas condições, a agricultura pode parecer elástica durante algum tempo, aumentando sensivelmente a produção em resposta a pequenos aumentos de preço, mas essa inversão é apenas aparente, deixando de se dar assim que desapareça a situação de desemprego. Do mesmo modo, quando o governo intervém na produção agrícola de uma região, localizando os agricultores nas zonas mais adequadas e fazendo com que se dediquem as produções próprias às zonas também poderá haver um aumento de produção, mesmo em situação de pleno emprego, mas, ainda nesse caso, não se deve confundir com a eliminação do característico. Este aparecerá novamente assim que for tentado um novo aumento de produção. A eliminação desse característico, ou em outras palavras, a transformação da inelasticidade de oferta em elasticidade, somente se poderá dar com a intensificação do uso do capital, na forma de ferramentas, máquinas, benfeitorias, adubos, animais selecionados, etc. Com essa intensificação é possível aumentar a produção sempre que haja melhores preços, pois deixa de haver a limitação do fator homem a que está preso o aumento na agricultura extensiva. O homem sempre poderá produzir mais à medida que lhe sejam dados melhores máquinas, adubos, etc., e o aumento da produção desses elementos é sempre possível ao passo que o aumento do número de trabalhadores não se pode dar facilmente. E é esse o motivo da agricultura dos Estados Unidos ter aumentado sensivelmente a sua produção durante a última guerra apesar da diminuição do número de seus trabalhadores. E São Paulo também poderia fazer o mesmo se tivesse a sua agricultura intensiva.